

SELETA

DIOGO ÁLVARES, O "CARAMURU"

Pe. Simão de VASCONCELOS

Não deixarei contudo de referir aqui ao breve a história notável do celebrado Diogo Álvares; porque são dignas de ser sabidas suas circunstâncias, e querem alguns contá-lo a ele pelo primeiro povoador da Vila Velha. Foi Diogo Álvares, português de nação, natural da notável Vila de Viana, de gente nobre; e generoso coração. Sendo mancebo, aspirou a ver novas terras; embarcou-se em uma nau, que segundo alguns, fazia viagem para S. Vicente, capitania deste Estado, já então povoado por Martim Afonso de Sousa; segundo outros para a Índia. Fosse qualquer das duas a derrota, a nau chegou a esta costa do Brasil, e nela constrangida de um temporal rigoroso, depois de quebrados os mastros, foi dar em os baixos que hoje vemos junto à barra da Bahia à parte do Norte, chamada do gentio Mairagiquiig, onde fez miserável naufrágio, e pereceu parte da gente ao rigor da fereza dos mares, parte ao da fereza dos índios, que saindo às praias cativaram os pobres naufragantes, e os despojaram da vida, fazendo deles pasto. Entre os mais cativos notaram os bárbaros a singular constância do nosso Diogo Álvares, que desprezando o golpe da fortuna, ajudava a juntar as coisas do naufrágio com coração intrépido em favor dos que já tinha por senhores (que é o fino da prudência saber acomodar-se um coração aos lanços vários da fortuna); contentaram-se dele, e assentaram entre si, que aquele ficasse com vida; traça do Alto para os fins que veremos do serviço de Deus, do rei e da terra.

Entre a fazenda que saía à praia, recolheu Diogo Álvares alguns barris de pólvora, e com eles, um ou dois arcabuzes; e nestes consistiu toda a felicidade, e senhorio em que depois se viu; porque estando já recolhidos em suas aldeias, concertou ele um dos arcabuzes, e disparando-o em presença de todos, à vista do estrondo que fez, do fogo que luziu, e do efeito que obrou

(devia ser a morte de alguma fera, ou ave) ficaram atônitos os bárbaros de coisa que nunca jamais viram: puseram-se em fugida mulheres e meninos, dizendo a vozes que era um homem de fogo, que queria matá-los. Apenas pararam os varões: a estes fez capazes que o que viram era arte sua, que podia com ela ajudá-los contra seus inimigos; que não havia de que temer, porque seu fogo matava somente os contrários, não os amigos, e ficaram com isto desabafados. No mesmo tempo traziam guerra com os Tapuias habitadores do sítio de Passé, distante como seis léguas do lugar onde é hoje a cidade; quiseram fazer experiência, juntaram seus arcos, e levando-o por guia foram dar sobre eles, e viram tudo o que esperavam; porque no ponto que tiveram notícia aqueles selvagens, que ia contra eles o homem de fogo (que assim lhe chamavam) que de longe feria, e matava, quais se viram a fúria de um vulcano, ficaram desmaiados, e deram a fugir pelos matos; ficando assim provado o valor, e arte mas que humana (na opinião dessa gente) de Diogo Álvares, cuja fama correu em breve por todos os sertões, e foi tido por homem portentoso, contra quem não eram capazes seus arcos; e aqui lhe acrescentaram o nome, chamando-se o grande Caramuru. Os principais maiores prezavam-se de que quisesse aceitar suas filhas por mulheres, e lhas ofereciam; e cuidava que alcançava favor grande aquele de quem as recebia. Em contendas de guerra que se ofereciam, Diogo Álvares era o árbitro de todas elas: foi de maneira, que em breve tempo subiu de cativo a senhor, que tudo governava; e aquela parte para onde inclinava seu fogo, tudo obedecia, e pagava páreas.

Assentou suas casas naquele raso, que hoje se vê em Vila Velha, além de Nossa Senhora da Vitória, cujas ruínas ainda agora dão sinais. Teve aqui grande família e muitas mulheres; porque não se havia por honrado o principal, que com ele se não tinha aparentado. Houve muitos filhos e filhas, que pelo tempo foram cabeças de nobres gerações. Nestes termos estava, quando chegou a esta baía uma nau francesa, determinou passar nela a Portugal por via de França, e carregando-a de pau-brasil, embarcou a mais querida de suas mulheres, dotada de formosura, e princesa daquela gente. Fez-se à vela, não sem grande inveja das que ficavam. Delas contam alguns, que chegaram a lançar-se a nado seguindo a nau, com perda de uma, que ficou afogada nas ondas. Chegado a França, foi ouvida sua história do rei, e rainha com satisfação, como coisa tão nova: folgavam de ver a esposa, indivíduo estranho de um novo mundo. Trataram de batizar a ela, e casar a ambos na face da Igreja. Celebrou estes sacramentos um bispo, dignando-se de serem

os padrinhos os próprios reis. Houve ela por nome Catarina Álvares, sendo o do Brasil Paraguaçu. Deram-lhe a rainha e outros senhores titulares ricos vestidos, e muitas jóias, mas não consentiram passarem a Portugal. O que visto, por meio de um português por nome Pedro Fernandes Sardinha, que acabara em Paris seus estudos, e voltava a Lisboa, fez aviso a el-Rei D. João III da bondade da barra e terra da Bahia, a fim de que a mandasse povoar. Este Pedro Fernandes Sardinha, depois de feita sua recomendação, foi despachado por el-Rei para a Índia, por vigário geral; e é o mesmo que depois veio por primeiro bispo do Brasil.

Depois de algum tempo voltou Diogo Álvares ao Brasil, concertando-se em França com um mercador grosso, que carregando-lhe duas naus com quantidade de resgates, pólvora, e artilharia, e trazendo-o a ele, e a sua mulher, em troco disto lhas carregaria de pau-brasil. Chegou a salvamento, cumpriu a obrigação, carregando as naus, e com a artilharia formou estância forte, onde seguro habitasse, à sombra da qual, e com o valor dos resgates, começou a fazer-se senhor de muitos escravos, e vassalos, temido, e respeitado das maiores potências da costa.

Neste comenos sucedeu que navegando uma nau para o Rio da Prata, com gente castelhana (muitos deles nobres, que iam povoar aquela parte) levada de tormenta, foi enxorar junto a Boipeba em uma ponta, onde pelo sucesso ficou o nome Ponta dos Castelhanos. Soube Diogo Álvares do naufrágio, e como já experimentara fortuna semelhante, foi fácil condoer-se: acudiu logo àquela parte a tempo que livrou a gente dos dentes dos bárbaros, e a trouxe consigo, e hospedou humanamente, em especial alguns cavaleiros de conta que entre ela vinham; os quais tornados à Espanha pregoaram o lanço, e foram causa que o Imperador Carlos V mandasse escrever uma carta, em que lhe agradecia o serviço que lhe fizera em livrar aqueles seus vassalos, oferecendo-lhe por isso sua graça.

Na ocasião do naufrágio houve um caso digno de história; porque voltando Diogo Álvares Caramuru de socorrer aos castelhanos, se foi a ele sua mulher Catarina Álvares Paraguaçu, e lhe pediu com instâncias grandes que tornasse a buscar-lhe uma mulher, que viera na nau, e estava entre os índios, porque lhe aparecia em visão, e lhe dizia que a mandasse vir para junto de si, e lhe fizesse uma casa. Tornou o marido, e não achando mulher alguma em todas as aldeias, não se aquietou a devota Catarina Álvares, instava que naquelas aldeias a tinham, porque não cessavam as

visões, que a certificavam. Feita a segunda e terceira diligência, se veio dar com uma imagem da Virgem Senhora nossa, que um índio recolhera da praia, e tinha lançado ao canto de uma casa. Foi-lhe apresentada, e abraçando-se com ela disse que aquela era a mulher que lhê aparecia: pediu ao marido que lhe mandasse fazer uma casa, fez-se uma entretanto de barro, e pelo tempo outra de pedra e cal, onde foi honrada com o título de Nossa Senhora da Graça, enriquecida de muitas relíquias, e indulgências, que então mandou o Sumo Pontífice; e hoje possuem os religiosos da sagrada Religião do Patriarca S. Bento, aos quais fez doação esta devota matrona, assim da igreja, como da terra do circuito dela, e ali jaz enterrado seu corpo.

Por este tempo partindo para a Índia Martim Afonso de Sousa, veio de arribada a tomar porto nesta barra: trazia consigo religiosos, os quais entre as coisas do serviço de Deus, que aqui fizeram, foi batizar na mesma igreja os filhos e filhas destes dois devotos da Senhora; das quais uma casou nesta ocasião com Afonso Rodrigues, natural de Óbidos; outro com Paulo Dias Adorno, fidalgo genovês, que tinha vindo de S. Vicente por causa de um homicídio. Chegou depois dito Francisco Pereira Coutinho e casou outras duas filhas legítimas dentre ele, e Catarina Álvares, com outros dois homens portugueses nobres; das quais, e de outras muitas que logo foi casando com pessoas de conta, assim ilegítimas, como naturais, viu numerosa e feliz sucessão, tão estendida, que seria coisa larga querer contá-la toda. Digo somente, que deste tronco procederam muitas das melhores e mais nobres famílias da Bahia. E este é o antecessor de Francisco Pereira Coutinho; donde fizemos que foi Coutinho o primeiro povoador por data del-Rei, e direito real; porém Diogo Álvares foi o primeiro por data dos Senhores da terra naturais, e direito das gentes. Qual seja mais, julguem-no os que sabem.

(Crônica a Companhia de Jesus, I,3 192-195. Terceira edição. Petrópolis, Vozes/Brasília, Inst. Nac. do Livro, 1977. Coleção "Dimensões do Brasil", v. 5).